

SHEILA MALUF é o nome mais representativo do mercado editorial em Alagoas. Conheça quem é a mulher por trás das obras

Paixão pelos livros

Francisco Ribeiro
Repórter

 2013 será um ano pródigo para os leitores alagoanos. A vinda da megastore mineira Livraria Leitura para Maceió, a sexta edição da Bienal Internacional do Livro de Alagoas e a retomada das livrarias locais, como a VIVA Livraria e Editora,

prometem reanimar para o mercado livreiro, cujo declínio enfrentado nos últimos 15 anos, atribuiu a visão de que o Estado era pouco propício para investimentos em tal setor.

Qual foi o motivo para essa virada acontecer?

Um deles, provavelmente, foi a atuação de uma mulher obstinada em difundir a literatura em Alagoas, cujo nome

está associado ainda por muito tempo ao da Bienal do Livro.

A paulistana Sheila Maluf ganhou notoriedade em todo território nacional após assumir a presidência da Editora da Universidade Federal Alagoas (Edufal) e resgatar o projeto do que viria a ser o maior evento literário gratuito do Estado.

A professora aposentada

da Ufal chegou em Maceió no início da década de 1980 e desde então buscou associar a sua paixão pelos livros, aos cargos que exerceu ao longo da sua trajetória profissional.

Conhecida entre editores e livreiros pela sua determinação e ousadia, Sheila pediu demissão do cargo à frente da Edufal - após uma gestão de quase nove anos - em agosto no ano

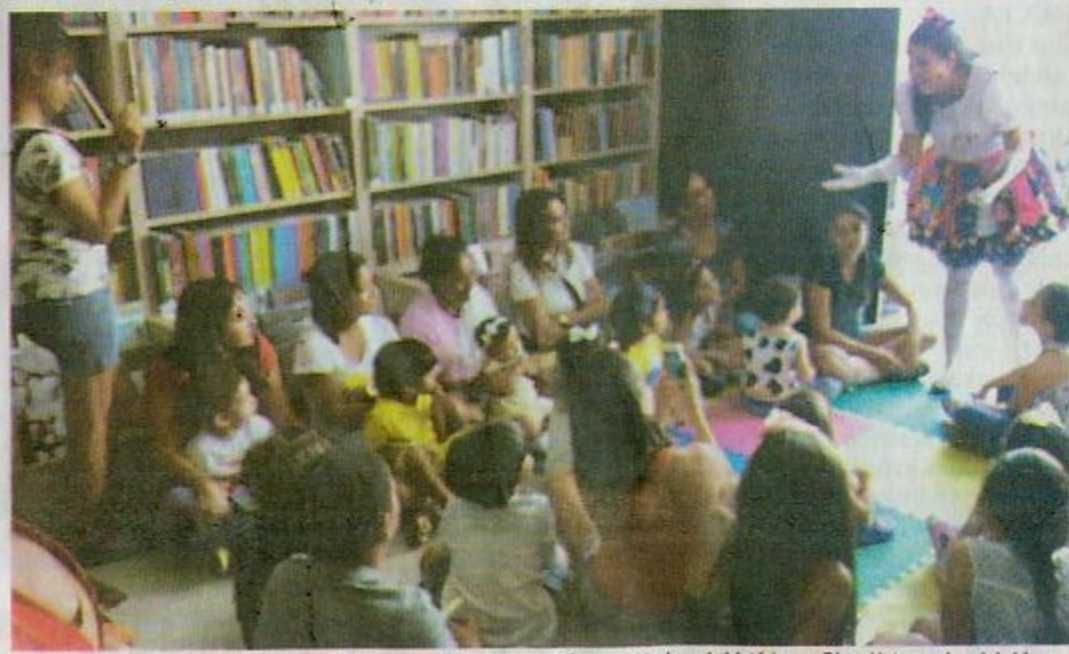
passado. Três meses depois, abre, em parceria com o empresário Ricardo Camelo, a VIVA Livraria e Editora.

Em entrevista para O DIA, a empresária Sheila Maluf faz uma análise da sua atuação como diretora da Edufal, as dificuldades enfrentadas na realização da Bienal do Livro e sobre o mercado editorial em Alagoas. **Confira.**

A senhora assume a presidência da Editora da Ufal (Edufal) em 2003 e permanece no cargo até agosto de 2012. Quais os principais obstáculos e os avanços nesse percurso? Eu prefiro falar em avanços. Os obstáculos foram feitos para a gente transpô-los. Mas, ainda assim, se fomos falar em obstáculos posso citar a parte burocrática de uma instituição pública. E também existiram as dificuldades em fazer as Bienais. No entanto, a Edufal passou de uma distribuição de 4 mil livros/ano para 16 mil, nesses oito anos e meio, quase nove anos. Produzimos, na minha gestão, 564 títulos. Fizemos quatro projetos para cegos e distribuímos em Braille para todo o território nacional e ainda mandamos para Portugal. Realizamos o encontro nacional de editoras aqui inclusive da ABEU, na qual sou vice-presidente. Eu acho que a gente pode contabilizar vitórias. Não gosto de falar em obstáculos, pois eu fico louca para derrubá-los.

É impossível não associar o seu nome ao da Bienal do Livro. Gostaria que a senhora resgatasse brevemente a sua experiência à frente do evento. Na realidade, quem criou a primeira Bienal foi a professora Leda Almeida, ex-diretora da Edufal. Depois, ela foi substituída pelo professor Deraldo Ferraz que fez quatro ou cinco salões de livros, os quais têm um desenho diferente das Bienais. Então, na verdade, eu resgatei a continuidade do evento, depois de 6, 7 anos, sem a sua realização. Criei um evento mais fortalecido, com mais perfil de Bienal.

Quais foram as dificuldades para estabelecer as edições posteriores do evento? A segunda edição a gente fez para 50 mil pessoas, no clube Fênix. A terceira edição - e a segunda realizada por mim -, já foi internacional e sediada



Crianças, mães e educadores acompanham atentamente encenação de contadora de histórias na Bienal Internacional do Livro

no Centro de Convenções. Recebemos 100 mil pessoas. E eu falei: 'Cabe mais'. Fizemos a quarta, para 150 mil pessoas. E eu falei: 'Cabe mais'. A última, realizada em 2011, recebeu quase 200 mil pessoas. Hoje, a Bienal é um sucesso de público e pertence ao povo de Alagoas. Eu fico feliz com isso. Mesmo saindo do comando da Bienal, depois de quatro edições, nos deixamos um trabalho sólido, e de tal forma que muitas dificuldades que eu tive com o próprio Governo do Estado, como, por exemplo, de não conseguir recursos, a professora Stela Lameiras, hoje à frente da Edufal, tem conseguido com mais facilidade. Os nossos projetos eram voltados para captar verbas vindas de fora. A gratuidade do Centro de Convenções é uma coisa que nunca tive, por exemplo.

A senhora se surpreendeu com a repercussão da Bienal do Livro num Estado com baixíssimo índice de alfabetização? Não, porque a gente foi numa crescente. Por isso repetia: 'Cabe mais'; pois eu sentia que os alagoanos estavam ávidos por um evento assim. Não adianta falar que a população é de baixa cultura ou é isso ou aquilo. Por exemplo, abri minha livraria

com meta prevista para atingir em 6 meses, no entanto, consegui em 3. E já estou aumentando o espaço. Então, o que precisamos é acreditar, termos projetos bons, sermos ousados. E confiar que não existe obstáculo, mas caso tenhamos, vamos transpô-lo. Eu sempre brinco falando que detesto as palavras difícil e impossível, porque se tudo fosse fácil e possível não tinha graça. Temos que ser como os bandeirantes que desbravaram os caminhos desconhecidos pelo Brasil.

Numa revisão crítica, quais foram os acertos e o que a senhora faria de diferente nessa sua trajetória à frente da Bienal e da Edufal? Nada. Eu acho que eu fiz o que tinha que fazer. Cumprir meu papel, eu fiz o meu melhor. Pode não ser o melhor para os outros, mas eu tenho certeza que dei tudo de mim. Em alguns momentos sacrifiquei até a minha vida pessoal. Fiz isso, porque eu tenho paixão pelo que eu faço. Em especial, pelo mercado editorial. Tanto é que não consegui ficar afastada dos livros. Pedi demissão da Edufal por uma circunstância pessoal e eu recebi tanto apoio para continuar no mercado que acabei fundando

minha própria editora e livraria. Nós já estamos com cinco títulos publicados e mais dois saindo. Em quatro meses, já estamos ampliando a nossa estrutura. Sempre atingindo nossas metas.

A senhora assumiu a Vice-presidência da Associação Brasileira de Ensino Universitário (ABEU). Fale um pouco sobre o papel que a entidade desempenha e os seus desafios. Assumi a vice-presidência da ABEU em 2009 e já estou entregando o cargo em julho, pois é um mandato de dois anos. No total, são 105 editoras que fazem parte da Associação Brasileira das Editoras Universitárias. Todas têm um problema comum: trabalhamos sem dinheiro. Alguns editores incentivam suas editoras universitárias e outros não. Então, para mediar uma pela outra, nós trabalhamos juntas. A associação representa a união das nossas dificuldades para ver se a gente consegue dar um salto de qualidade. Uma andorinha só não faz verão. Mas 105, quem sabe a gente consegue.

Após o fim do seu mandato, a senhora abre a Viva Livraria. Porque se manter no mercado editorial? Porque quando eu



Sheila foi persuadida a ficar na Edufal

disse que ia sair da Edufal, durante a Bienal, os meus pares, distribuidores e editores fizeram uma campanha muito grande para que eu não deixasse o mercado editorial. Inclusive, eles disseram brincando: "Um editor começa ficar bom depois de cinco anos. Você está já com nove, e quer sair agora?" Também recebi um respaldo nacional de várias editoras universitárias do país. Enfim, eles me incentivaram bastante. E isso se deu de tal forma que abri minha livraria e editora, o que não era minha pretensão.

Então, a senhora não cogitou abrir a sua editora antes de sair da Edufal. Nunca pensei. Porque eu sempre achei desleal pensar nisso enquanto eu era diretora da Edufal. Não achava justo. Pedi demissão no dia 13 de julho e fiquei de agosto a novembro sem chão. Para você ter uma ideia, eu despachava os autores que já estavam editando livros comigo do meu carro, e atendia as pessoas nos cafés. Se eu tivesse essa ideia, se fosse algo de caso pensado, eu teria saído de um canto pro outro. Mas não, eu fiquei um tempo sem chão.